

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 1195

Data: 05/02/90

Pg.: 14

Índios

90% dos ianomamis têm malária

Os índios também estão com parasitose intestinal e se alimentam mal, basicamente com mandioca

MÔNICA TORRES MAIA

PAAPIÚ — A região do Paapiú, a 500 quilômetros de Boa Vista, onde viviam 380 índios ianomamis há três anos, é um retrato da complexa situação de Roraima. Ao lado da pista de pouso principal, o médico Sérgio da Silva, da Funai, da equipe do programa de emergência de saúde, já fez exames nos 50 índios ali existentes hoje. O diagnóstico: de cada dez ianomamis, nove estão com malária do tipo falciparum, o mais grave e mortal da doença.

O tratamento com quinino não deverá resolver o problema para sempre. Os índios também apresentam parasitose intestinal e vêm se alimentando muito mal. Para suportar os medicamentos, comem mandioca, aipim e carne de caça — atualmente, eles conseguem caçar no máximo um animal por semana. A banana, base da alimentação ianomami, é raramente consumida agora. O leite ou as sopas em pó que a Funai levou para a área são alimentos indigestos para eles.

A ação de exterminar os mosquitos que inculcam a malária também parece comprometida. Ontem, no Paapiú, os técnicos da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (Sucam) não conseguiam manipular o borrifador de inseticida, porque era um aparelho diferente dos que estão acostumados a usar. Os igarapés próximos, de onde os índios se utilizavam da água, estão assoreados e poluídos por mercúrio.

A gigantesca operação



José Paulo Lucinda/AE

Garimpeiros deixam a região indígena de Paapiú: ouro já estava acabando

montada pelo governo federal para retirar os garimpeiros mostrou ser excessiva para o Paapiú. Até a última semana de dezembro, havia mais de 500 homens à cata de ouro no local. Com o anúncio público da operação, eles começaram a abandonar. Nessa leva, foi desarmado até o acampamento da mineração Goldamazon.

“O Paapiú não tem mais nada”, justificava ontem Raimundo Ferreira Paz, garimpeiro há 15 anos, de partida para a região de Novo Brasil, no Amazonas, a 40 minutos de avião bimotor. “Os grotões daqui já foram todos vasculhados”, garantiu. “Ainda tem garimpeiro, mas não tem mais ouro”, disse

ele. Um pouco antes, José Raimundo Clímério havia saído para uma caminhada de uma hora na selva, até chegar ao local onde ainda procura o minério.

A “Cantina do Sidney” também estava sendo desativada. Vendendo comida aos garimpeiros e carregando e descarregando os aviões que a cada minuto decolavam do Paapiú — ontem, aeronaves chegavam a intervalos de 15 minutos —, Sidney Souza Vieira faturou durante um ano cerca de 150 gramas de ouro por mês (NCzs 48.320,00 a preços de hoje). Ele pagava 40 gramas de ouro à cozinheira e cobrava quatro décimos de grama por uma cerveja. Solteiro, Sidney contraiu malária dez vezes durante essa es-

tadia. “Agora, vou me internar dois meses para curar de vez”, prometia ontem. Depois ele vai decidir qual o próximo garimpo para onde irá.

A população da maloca instalada na cabeceira da pista era de cerca de 80 ianomamis, segundo censo do funcionário da Funai, Tarcísio de Souza Filho, que chegou ali em 1984, saiu quatro anos depois e voltou no início de dezembro (existem outras sete malocas espalhadas pela região do Paapiú). Num prazo de dois anos, 23 índios morreram de doenças. Em 1987, quando alguns tentaram conversar com garimpeiros para pedir que se retirassem, houve conflito e mais quatro morreram.